

Editorial

Marcel Bursztyn, José Augusto Drummond,
Gabriela Litre, Maria Beatriz Maury

É com grande satisfação que apresentamos o número 7 de ***Sustentabilidade em Debate***. O momento atual é bem propício para pensar sobre os intrincados caminhos da sustentabilidade.

Passou-se um ano desde a realização da Conferência Rio+20. O seu pano de fundo foi a polarização dos debates ambientais em torno de questões como a mudança climática e a economia verde. Desde então a realidade mundial reflete certa acomodação das estratégias políticas e geopolíticas em torno de temas mais imediatos. O enfrentamento da crise econômica no seio da União Europeia (um bloco de nações que tem assumido papel de destaque no enfrentamento dos desafios ambientais) ocupa muito mais atenção do que questões voltadas ao longo prazo, como a redefinição de um sistema tributário de acordo com critérios de poluição e emissões de carbono. Conflitos internacionais, como a guerra civil na Síria e a iminente chegada do Irã ao clube das nações que têm artefatos bélicos nucleares, também tomam conta dos noticiários e dos debates internacionais.

No entanto, os problemas ambientais se tornam cada vez mais claros e surpreendentes. Em maio de 2013 a NOAA (National Oceanic and Atmospheric Administration) anunciou que o seu observatório de Mauna Loa, localizado no Havaí, registrou a marca histórica de 400 ppm (partículas por milhão) de concentração de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera. Esse valor recorde nunca ocorreu durante toda a história da humanidade, segundo os mais renomados estudiosos sobre o assunto. O nível médio estimado durante milhares de anos, até a Revolução Industrial, é de 280 ppm. As implicações disso, embora ainda não plenamente avaliadas, são graves. É mais um exemplo recente em que a realidade tem sido mais radical do que as previsões.

Desde 2010, quando lançamos o número 1 de ***Sustentabilidade em Debate (SeD)***, a revista tem sido um importante canal de apresentação do estado da arte do debate sobre o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, no Brasil e no mundo. Nossa seção de resenhas apresenta aos leitores comentários sobre amostra importante da literatura pertinente. A opção por organizar dossiês temáticos, sob a responsabilidade de editores convidados, especialistas nos temas escolhidos, permite aprofundar a discussão e confrontar ideias sobre questões que estão na or-

dem do dia. Procuramos ampliar esse debate ao agregarmos, em outras seções da revista, textos de opinião, entrevistas e a galeria de imagens comentadas.

A crescente inclusão de textos em outros idiomas, notadamente o inglês, abre uma ampla gama de possibilidades de acesso dos textos selecionados a um público maior, em escala internacional. A revista já foi acessada em mais de 70 países, de todos os continentes.

Tivemos neste primeiro semestre de 2013 a grata confirmação da relevância de nosso periódico, ao sermos contemplados com o conceito B2 na avaliação pelo sistema Qualis, da Capes. Esse conceito foi emitido por aquela que para nosso foco é principal área da Capes: a de ciências ambientais. Para um periódico que, no momento da avaliação, tinha apenas dois anos de existência, é um alento. Estamos trabalhando para que na próxima rodada de avaliação esse conceito seja ainda maior. Para tanto, mantemos o máximo rigor com aspectos tais como a periodicidade, as avaliações pelo sistema *double-blind peer review*, a qualidade gráfica e a determinação de que artigos de autores “da casa” não ultrapassem 10% do total de cada volume, e sempre cumprindo os mesmos ritos de avaliação que os demais artigos. No caso, os autores da casa são os das unidades da Universidade de Brasília responsáveis pela revista – O Centro de Desenvolvimento Sustentável, o Laboratório de Energia e Meio Ambiente e o Laboratório do Ambiente Construído e Sustentabilidade.

O apoio recebido do IPEA, que ajudou no financiamento dos números editados em 2012, foi de grande valia. Crucial tem sido a contribuição dos membros da nossa equipe editorial (ver créditos na apresentação). São pesquisadores de alto nível, sem os quais **SeD** não conseguiria se manter.

Aos autores que nos enviam os seus trabalhos (em número crescente) e ao amplo corpo de pareceristas, os nossos agradecimentos.

Este número 7 de **SeD** contém um dossiê temático sobre um dos temas que mais vem polarizando os debates recentes sobre políticas e instrumentos da gestão ambiental: o pagamento por serviços ambientais. Para a organização e edição desse dossiê, foram convidados Ludivine Eloy, Emilie Coudel e Fabiano Toni. Ao todo, foram aprovados sete artigos, cujo conteúdo é descrito na introdução escrita pelos editores convidados.

Compõem também o presente número um conjunto de cinco artigos sobre temas variados. No seu artigo “Sobre palavras e atos no consumo sustentável no Brasil: os ‘aparentes paradoxos’ de uma pesquisa qualitativa”, os autores Rita de Cassia Monteiro Afonso, Roberto Bartholo, Dorothea Kleine, Maria das Graças Brightwell têm como objetivo analisar contradições no que se refere a discurso e prática sobre consumo sustentável.

Muitos países permanecem reticentes à implantação de novas institucionalidades e arenas de negociações participativas em espaços transfronteiriços. Assumindo a



existência de uma dinâmica transfronteiriça peculiar, o trabalho de Gisela A. Pires do Rio e Helena Ribeiro Drummond, titulado “Água e espaços transfronteiriços na América do Sul: questões a partir do território” apresenta e discute questões sobre gestão de água em espaços transfronteiriços, a fim suscitar debates sobre situações efetivas de cooperação/conflito transfronteiriços na América do Sul.

Andrea Janaina Cayres Estrela Fiorini, Celso Correia de Souza e Mercedes Abid Mercante explicam, em seu artigo “A Pegada Ecológica como Instrumento de Avaliação Ambiental da Cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul”, que a pegada ecológica dessa cidade está 12,22% acima da mundial e 68,33% acima do que é considerado disponível de modo sustentável para cada habitante do planeta.

Em “Indicadores de avaliação para projetos de Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) em aterros sanitários”, Silvia Regina Stuchi Cruz e Sônia Regina Paulino propõem indicadores de avaliação dos cobenefícios sociais e ambientais que podem ser gerados a partir de projetos de MDL nos aterros sanitários Bandeirantes e São João, localizados na cidade de São Paulo.

Finalmente, no seu artigo “A Formação da Nova Geopolítica das Mudanças Climáticas”, Helena Margarido Moreira descreve a evolução das negociações em torno das mudanças climáticas em busca de um acordo global mais inclusivo e eficaz.

Completam o número um ensaio de Luis Fernando Novoa Garzon – “Da maldição à benção dos recursos naturais: um palimpsesto discursivo do Banco Mundial”, três resenhas, uma entrevista com Roldan Muradian e Esteve Corbera sobre Pagamentos por Serviços Ambientais, um debate sobre o mais recente livro de Anthony Hall sobre REDD em América latina e a Galeria, que também tem como tema o Pagamento por Serviços Ambientais.

Esperamos seguir contando com a atenção de nossos leitores e com a preferência de nossos autores. Desejamos a todos uma boa leitura.